

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
Série ANTROPOLOGIA

GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República

Presidente - *Fernando Henrique Cardoso*

Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT

Ministro - *José Israel Vargas*

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Presidente - *José Galizia Tundisi*

Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG

Diretora - *Adélia de Oliveira Rodrigues*

Diretor Adjunto de Pesquisa - *Antonio Carlos Magalhães*

Diretora Adjunta de Difusão Científica - *Aline da Rin Paranhos de Azevedo*

Comissão de Editoração - MPEG

Presidente - *William L. Overal*

Editores-Associados - *Lourdes Gonçalves Furtado* (Antropologia)

Maria Cândida D. M. Barros (Linguística)

Equipe Editorial - *Iraneide Silva, Laís Zumero e Lairson Costa*

CONSELHO CIENTÍFICO

Consultor

Adélia de Oliveira Rodrigues - MPEG

Arion Dall'Igna Rodrigues - UnB

Berta Ribeiro - Museu Nacional

Betty J. Meggers - Smithsonian Institution

Carlos de Araújo Moreira Neto - Museu do Índio

Dorath Pinto Uchôa - Instituto de Pré-História - USP

Igor Chmyz - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas

João Batista B. Pereira - USP

Luís de Castro Faria - Museu Nacional

Lux Vidal - Fac. Filos. Letras e Cienc. Humanas - USP

Maria Conceição Moraes C. Beltrão - Museu Nacional

Roberto Cardoso de Oliveira - UNICAMP

Roberto da Matta - Museu Nacional

Ulpiano Bezerra de Menezes - USP

Walter Alves Neves - USP

Yonne de Freitas Leite - Museu Nacional

ISSN 0522-7291

Ministério da Ciência e Tecnologia
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi

Série
ANTROPOLOGIA
Vol. 9(2)

Belém - Pará
Dezembro de 1993

ERRATA

O Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia, volume 9(1) de julho de 1993, por um lapso gráfico, foi impresso como volume 9(1) de julho de 1994.



MCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Parque Zoobotânico - Av. Magalhães Barata, 376 - São Braz
Campus de Pesquisa - Av. Perimetral - Guamá
Caixa Postal: 399 - Telex: (091) 1419 - Fones: Parque (091) 249-1233,
Campus (091) 228-2341 e 228-2162 - Fax: (091) 249-0466
Correio Eletrônico: EDITMPEG@MARAJO.SECOM.UFPA.BR
CEP 66040-170 - Belém - Pará - Brasil

O Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia foi fundado em 1894 por Emílio Goeldi e o seu Tomo I surgiu em 1896. O atual Boletim é sucedâneo daquele.

The Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia was founded in 1894, by Emílio Goeldi, and the first volume was issued in 1896. The present *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* is the successor to this publication.

REVISTA FINANCIADA COM RECURSOS DO

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT



ESTRATÉGIAS DE SUBSISTÊNCIA DA POPULAÇÃO RIBEIRINHA DO IGARAPÉ PARICATUBA, ILHA DE MARAJÓ, BRASIL

Andréa Dalledone Siqueira¹
Eduardo Sonnewend Brondizio²
Rui Sergio Sereni Murrieta³
Hilton Pereira da Silva⁴
Walter Alves Neves⁵
Renate Brigitte Viertler⁶

RESUMO - Poucas populações caboclas amazônicas foram estudadas até o momento em termos de suas estratégias tradicionais de subsistência, sob uma perspectiva ecológica. Esta lacuna é especialmente prejudicial para se compreender adaptações humanas ao ambiente de várzea, na medida em que nenhuma população indígena restou nesse compartimento para ser estudada. No estuário do Amazonas, mesmo as populações caboclas sofreram alterações dramáticas na sua sócio-economia nas duas últimas décadas, em virtude da influência de mercados locais e regionais. A mudança mais dramática foi, sem dúvida, o quase total abandono das práticas de agricultura de coivara em favor da extração e comércio do açaí (*Euterpe oleracea*). A população ribeirinha do Igarapé do Paricatuba, Ilha de Marajó, Estado do Pará, foi estudada em 1991 com o objetivo de ser caracterizada em termos de suas estratégias de subsistência, com ênfase especial na agricultura de corte-e-queima. Apesar de já se encontrar inserida no mercado do açaí, esta população apresenta ainda um sistema elaborado de cultivo de coivara, baseado num manejo intrincado dos complexos de vegetação-solo da várzea e da terra firme.

PALAVRAS-CHAVE: Caboclos, Agricultura de coivara, Açaí, Estuário do Amazonas, Prática de subsistência.

¹ Department of Anthropology, Indiana University/Bolsista do CNPq

² Department of Public & Environmental Affairs, Indiana University

³ Department of Anthropology, University of Colorado/Bolsista do CNPq

⁴ Department of Anthropology, The Pennsylvania State University/Bolsista do CNPq

⁵ Departamento de Biologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo

⁶ Departamento de Antropologia, F.F.L.C.H., Universidade de São Paulo.

ABSTRACT - Few Amazonian caboclo populations have been studied in terms of their traditional subsistence strategies under an ecological perspective. This is specially problematic to our understanding of human adaptation to the floodplain environment, where no indigenous populations remain to be investigated. In the Amazon estuary even caboclo populations have been dramatically altered in the last two decades because of local urban markets. The most dramatic change was the almost complete abandonment of slash-and-burn agriculture in favour of the extraction of açai (Euterpe oleracea). The riverine population of Igarapé do Paricatuba, Marajó Island, State of Pará, Brazil, a caboclo community, was studied in 1991 in order to be characterized in terms of its subsistence strategies, with special attention to slash-and-burn cultivation practices. Although already participating in the açai trading market, this population shows an elaborate system of swidden cultivation, which requires a detailed management system of the vegetation-soil complexes of floodplain and upland areas.

KEY WORDS: Caboclo population. Slash-and-burn agriculture. Açai. Amazon estuary. Subsistence practices.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre adaptações humanas tradicionais ao meio amazônico concentram-se, até o momento, quase que exclusivamente sobre populações indígenas (para uma revisão ver Hames & Vickers 1983; Sponsel 1986; Neves 1989, 1992; Moran 1990). As populações caboclas, não obstante representarem a parcela não-urbana demograficamente mais representativa da Amazônia e de se apresentarem distribuídas por todos os ecossistemas da região, receberam, até agora, pouca atenção por parte dos antropólogos-ecólogos (Moran 1974). Esta lacuna nos estudos antropológicos amazônicos é de especial gravidade para compreensão da adaptação humana aos ambientes de várzea, já que as populações indígenas que habitavam esses compartimentos foram dizimadas logo às primeiras décadas do contato, representando os caboclos os repositórios dos conhecimentos tradicionais indígenas sobre manejo desse trecho fértil, porém sujeito periodicamente a inundações, da Bacia Amazônica (Parker 1985a).

Com o objetivo de contribuir para uma reversão desse quadro, o Programa de Biologia e Ecologia Humana do Museu Paraense Emílio Goeldi, estimulado por pesquisas pioneiras efetuadas na região pelo Dr. Emilio Moran, da Universidade de Indiana, em 1989, deu início, em 1990, ao projeto "Antropologia Ecológica de Populações Ribeirinhas do Estuário do Amazonas:

Subsistência e Adaptação”, com o objetivo de caracterizar o perfil sócio-econômico-ecológico de populações caboclas ribeirinhas que ainda apresentam padrão de subsistência diversificado, bem como de populações já em estados progressivos de ocidentalização, avaliando a eficiência adaptativa dos distintos sistemas adotados.

Três populações foram escolhidas como alvo das pesquisas desenvolvidas a partir de 1990 na Ilha de Marajó: a população ribeirinha do Rio Marajó-Açu, a comunidade de Praia Grande e a população ribeirinha do Igarapé do Paricatuba. Os dados básicos sobre estrutura, organização social, economia e subsistência das duas primeiras populações já foram apresentadas em contribuições anteriores (Murrieta et al. 1989, 1992).

Dando prosseguimento à caracterização etnográfica básica das populações envolvidas no projeto, a presente comunicação tem por objetivo apresentar, de forma resumida, as características sócio-econômico-ecológicas da população ribeirinha do Igarapé do Paricatuba, contrastando-a, sempre que possível, com as das duas outras populações estudadas na área.

O MEIO AMBIENTE, A POPULAÇÃO ALVO E O TRABALHO DE CAMPO

A área de estudo está localizada na região estuarina do Baixo Amazonas, numa região de transição entre dois macro-ambientes, a Floresta Ombrófila Densa e os Campos do Marajó. Este último não é praticamente encontrado na área do trabalho, ainda que, por vezes, seja confundido com enclaves de campo cerrado ali presentes (Pires 1973).

A população alvo está localizada às margens do Igarapé do Paricatuba e em suas cabeceiras, o qual é um tributário do Rio Marajó-Açu, no município de Ponta de Pedras, na face oriental da Ilha de Marajó (Figura 1). Os dados aqui apresentados foram coletados em duas etapas. Uma no mês de fevereiro e outra nos meses de março e abril de 1991, somando um total de 60 dias em campo. Os métodos utilizados foram entrevistas informais e semi-estruturadas, e observação direta (Bernard 1988).

Direta e indiretamente esta população utiliza todas as formações vegetais encontradas na região de Ponta de Pedras: Floresta Ombrófila Aluvial, manguezais, campos cerrados e Floresta Ombrófila de Platô (Projeto RADAM 1974). Além dessas vegetações primárias, a área apresenta diversas formações vegetais antrópicas, resultantes do emprego de diferentes tecnologias agrícolas e de manejo florestal, tais como capoeiras latifoliadas em diversos estágios de sucessão e açazais (domínio de *Euterpe oleracea*) que, aos poucos, vão substituindo, na várzea, a Floresta Ombrófila Aluvial.

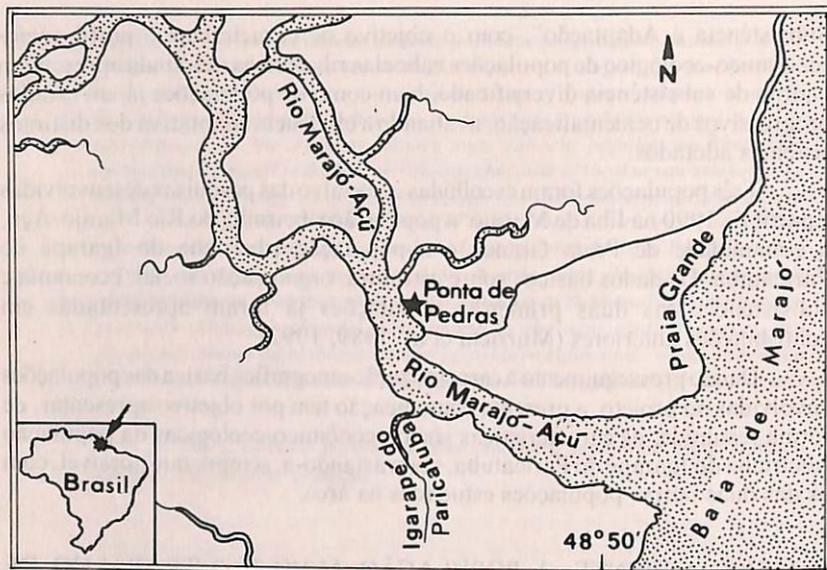


Figura 1 - Localização da área de pesquisa.

A população alvo segue o padrão típico de organização especial cabocla (Moran 1974; Parker 1985a, 1985b). As habitações são construídas com diversas matérias-primas locais sobre pontanetes e estão dispersas pelas margens do igarapé e ao redor da sua cabeceira com distâncias que variam de 50 a 500 m. Esta população é formada por 19 unidades domésticas, as quais apresentam a seguinte estrutura: 11 unidades domésticas compostas de famílias nucleares⁷, 5 com estrutura de famílias extensas⁸, 2 com múltiplas famílias⁹, e uma unidade doméstica com estrutura solitária¹⁰, de acordo com a classificação de Laslett (1972).

- 7 Unidade doméstica de estrutura nuclear: é composta de uma unidade conjugal com ou sem filhos, ou de um indivíduo com filhos. No Paricatuba, das 11 unidades domésticas desse tipo, 10 são compostas de uma unidade conjugal com filhos e apenas uma unidade doméstica é formada por uma viúva e filhos.
- 8 Unidade doméstica com estrutura de família extensa: é composta de uma unidade conjugal com um ou mais indivíduos com alguma relação de parentesco com os donos da unidade doméstica, além dos filhos do casal.
- 9 Unidade doméstica com múltiplas famílias: consiste de um grupo doméstico com duas ou mais unidades conjugais com alguma relação de parentesco.
- 10 Unidade doméstica com estrutura solitária: é composta por um indivíduo apenas (do sexo feminino ou masculino). No Paricatuba este tipo de unidade doméstica é composto por um indivíduo masculino viúvo.

A pirâmide populacional é típica de populações do terceiro mundo, apresentando base ampla e topo pequeno (Figura 2). Esta forma de pirâmide populacional indica um alto índice de nascimentos (a proporção criança/mulher em idade fértil é de 1.52) e de mortes. A proporção entre o sexo masculino e o feminino na população estudada é de 108.6, ou seja, para cada 100 mulheres há em média 108.6 homens. Há uma diminuição significativa da população feminina entre as faixas etárias de 15-19, 20-24 e 25-29 anos. A população masculina apresenta-se relativamente estável até as faixas etárias 30-34 e 35-39 anos, quando ocorre a diminuição. Estes valores podem ser devidos a migrações ocorridas na área e/ou a erros nas idades reportadas pelos informantes, pois quando aplicado o índice de Whipple¹¹ para as idades declaradas pelos informantes o resultado foi 128, indicando a "rough quality" (Newell 1988).

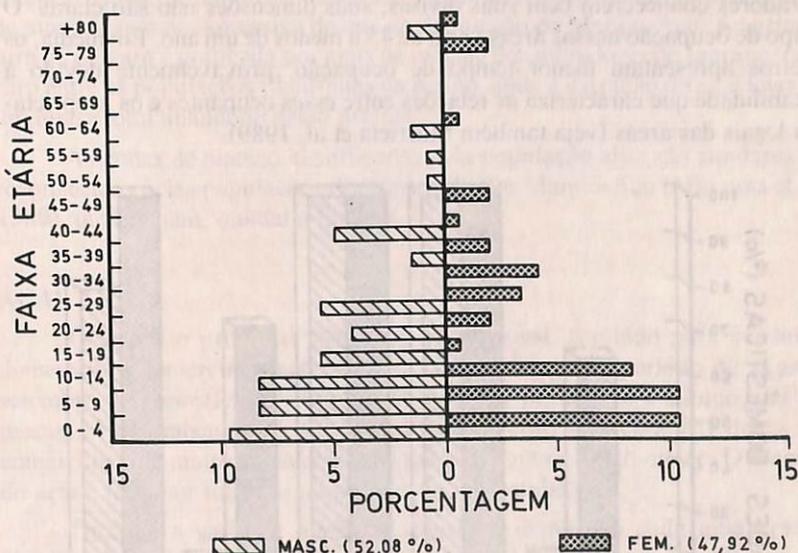


Figura 2 - Distribuição da população do Igarapé do Paricatuba por sexo e idade.

11 Erros em idades reportadas por informantes têm sido observados em vários estudos demográficos. O índice de Whipple permite medir preferências por idades terminadas em 0 e 5. O índice é obtido dividindo-se a porcentagem da população que reporta idades terminadas em 0 e 5 pelo total da população que reporta idades entre 23 e 62 anos, multiplicado por 5 (Newell 1988: 24).

Em relação à posse da terra, a população pode ser dividida em duas categorias: meeiros e proprietários. Os primeiros entregam a meia, que representa 50% da produção final, ao proprietário da terra que ocupam, os quais residem em outras áreas do município ou na capital (Belém). Geralmente, o sistema de meia é aplicado apenas à extração do açaí, a atividade mais rendosa. Entretanto, ser ou não proprietário da área em que se vive parece ser um fator determinante para a existência de outras atividades de subsistência, principalmente as atividades agrícolas, ou seja, os proprietários tendem a fazer mais roças de corte-e-queima do que os posseiros (Figura 3). No Paricatuba há 4 unidades domésticas na condição de meeiros e 15 unidades domésticas na condição de proprietários. As propriedades são oriundas de heranças familiares que são tanto áreas herdadas pela parte feminina quanto pela parte masculina da unidade conjugal. As áreas ocupadas variam de tamanho, porém, apesar dos moradores conhecerem bem suas divisas, suas dimensões não são claras. O tempo de ocupação nessas áreas varia de 45 a menos de um ano. Em média, os meeiros apresentam menor tempo de ocupação, provavelmente devido à instabilidade que caracteriza as relações entre esses ocupantes e os proprietários legais das áreas (veja também Murrieta et al. 1989).

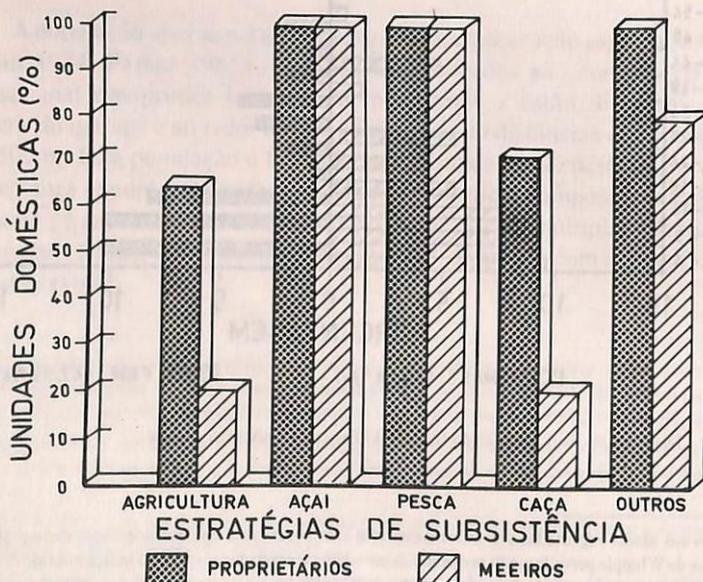


Figura 3 - Relação entre atividade de subsistência e condição fundiária no Igarapé do Paricatuba.

ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA

Esta população apresenta padrão de subsistência mais variado quando comparado às outras duas populações estudadas na mesma região (Figura 4), os ribeirinhos do Marajó-Açu e a população de Praia Grande (Murrieta et al. 1989, 1992). Além disso, essa diversidade é mantida ao longo do ciclo anual, já que, diferentemente das duas outras populações, nenhuma atividade econômica compromete totalmente o desenvolvimento de outras em qualquer momento do ano. As atividades de subsistência (Figura 5) mais importantes são a agricultura de corte-e-queima, principalmente a da mandioca e a extração do açaí. As áreas de roça localizam-se na terra firme, a montante do igarapé, enquanto os açais encontram-se na várzea, embora ocorram também áreas de "roçado" neste ambiente. A pesca, principalmente a do camarão, é muito significativa para esta população. Além disso, ela desenvolve atividades de coleta, extração de palmito e madeira, caça e marretagem, ainda que esta última de maneira menos expressiva do que na população do Marajó-Açu. A agricultura de coivara é praticada por mais da metade dos moradores do Igarapé, fato raro entre as populações ribeirinhas da região, onde a extração do açaí levou a um quase total abandono dessa prática.

As zonas de manejo identificadas pela população alvo são similares às reconhecidas pelas populações ribeirinhas do Rio Marajó-Açu (Murrieta et al. 1989), quais sejam, quintal e floresta.

AÇAÍ

O açaí é o principal produto florestal local, servindo para consumo doméstico e comercialização. A safra ocorre durante o período de agosto/setembro a janeiro/fevereiro, podendo variar o primeiro e o último mês da mesma. Há também uma frutificação de inverno (março/abril) que só é comercializada muito raramente devido a sua baixa produtividade. O manejo do açaí é feito por todos os moradores do Paricatuba.

Durante a safra, a média de consumo doméstico é de uma "raza" (18 litros) por dia. O restante é comercializado através de marreteiros ou pessoalmente em Belém e Ponta de Pedras, através de fretes de barcos a motor. Não se observa em Paricatuba diferença na comercialização do açaí entre proprietários e meeiros. Isto é, no caso de ser meeiro ainda assim o morador comercializa diretamente a produção com o marreteiro e/ou mercado, tirando a meia após a comercialização. Esta situação é diversa da encontrada nas ocupações ribeirinhas do Marajó-Açu, onde a meia é retirada antes da comercialização e após ser entregue na "Casa Grande" (Murrieta et al. 1989).

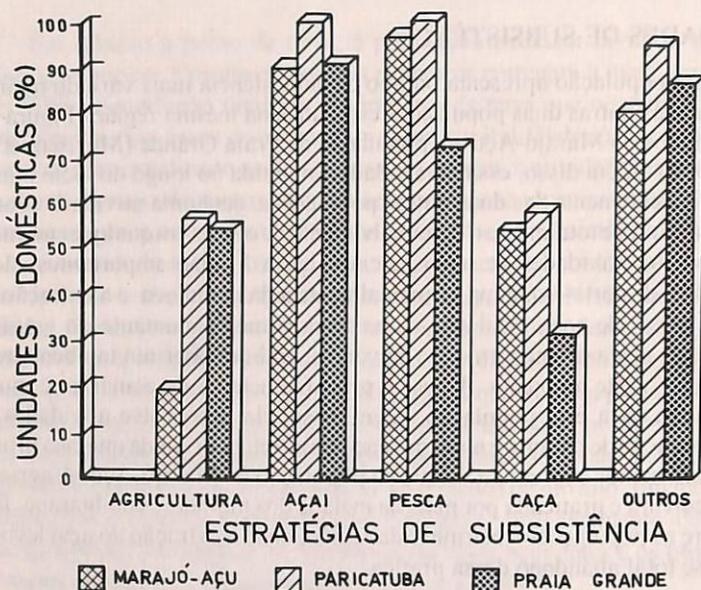


Figura 4 - Comparação das atividades de subsistência na população do Igarapé do Paricatuba com duas outras populações da Ilha do Marajó.

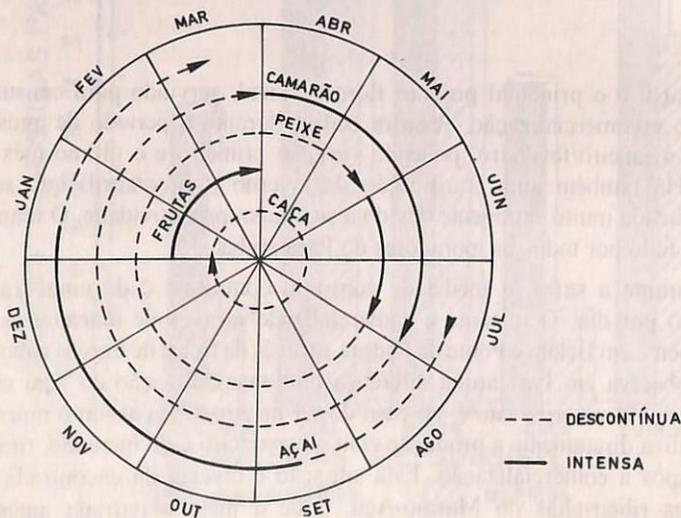


Figura 5 - Calendário das atividades de pesca, caça e extrativismo no Igarapé do Paricatuba.

São conhecidos e manejados três tipos de açaí, identificados e diferenciados durante o amadurecimento dos frutos, quando adquirem a coloração preta, verde e “paro”. A utilização do “vinho”, como é conhecido o suco extraído do fruto, dá-se das mais variadas formas, acompanhando carnes, peixes, camarão e farinhas, sendo bastante apreciado pela população, além de ser uma importante fonte calórica. Suas estirpes e folhas são aproveitadas e utilizadas nas construções domésticas e na fabricação de artefatos. O palmito é raramente consumido; na maior parte das vezes é servido como alimento para a criação de porcos ou comercializado.

Em geral, o cuidado com esta espécie de palmeira tem sido denominado de “manejo florestal” ou “extrativismo” (Anderson et al. 1985; Balick 1988). O açaizal é formado em 3 etapas: corte seletivo, desbaste e plantio. O corte seletivo preserva as espécies florestais de maior interesse e que são compatíveis com o desenvolvimento do açaí. Esse processo é um bom exemplo de manejo de biomassa sem o emprego da queima. O desbaste visa estabilizar a competição na touceira de açaí. Normalmente, mantém-se de 3 a 6 árvores vigorosas em diferentes idades e tamanhos, a maior parte já produzindo frutos. Entretanto, como a coleta de frutos requer a subida em seus troncos, o critério de altura das palmeiras é bastante considerado. Nota-se uma tendência na diminuição da altura dos açaizais, sendo o corte total a maneira mais intensiva de intervenção nesse processo. Geralmente, ele é feito em açaizais menos produtivos. Os palmitos são comercializados através de marreteiros e os troncos são utilizados em construções domésticas. A biomassa remanescente é incorporada ao solo ou carregada pela maré. A área é replantada com novas mudas e sementes de açaí, as quais passam a ser produtivas em 3 anos, porém com alturas menores. A última intervenção orientada é o próprio plantio. As árvores reconhecidas como mais produtivas são usadas para a produção de novas sementes e mudas. As mudas são transferidas de uma touceira para outra, enquanto as sementes são fixadas ao solo para que não sejam carregadas pelas variações diárias do nível d'água. Essas atividades são desenvolvidas pelos adultos¹² e subadultos¹³ de ambos os sexos das unidades domésticas.

¹² Adultos: indivíduos maiores de 15 anos.

¹³ Subadultos: indivíduos abaixo de 15 anos.

AGRICULTURA

O sistema de produção agrícola usado por esta população segue o padrão de corte-e-queima presente em outras partes da região Amazônica. Esta estratégia de manejo de recursos converte florestas em áreas agricultáveis, através do processo de corte-e-queima, visando a extração de energia e nutrientes do complexo vegetação-solo (Beckerman 1983). Em Paricatuba, este sistema de cultivo é empregado tanto na terra firme ("roça de mandioca" e "roça de São João") quanto na várzea ("roçado de várzea").

Na roça de terra firme cultiva-se prioritariamente a mandioca (*Manihot esculenta*) ao lado de outras espécies associadas como a macaxeira (*Manihot esculenta*), o jerimum (*Cucurbita* spp.), o maxixe (*Cucumis anguria*) e a melancia (*Citrullus vulgaris*) (Figura 6). No roçado de várzea, são cultivados geralmente arroz (*Oryza sativa*), milho (*Zea mays*), abacaxi (*Ananas comosus*), banana (*Musa* spp.) e cana (*Saccharum officinarum*) (Figura 7). Os métodos de preparo para a roça e o roçado são os mesmos, diferenciando-se no momento do plantio, visto que este está estritamente ligado ao tipo de espécie a ser cultivada. O processo é dividido em 6 fases e tem a participação dos adultos e subadultos de ambos os sexos, variando, entretanto, a frequência da participação dos membros das unidades domésticas. Essas fases são as que se seguem:

1. Escolha do sítio e sua alocação

Conforme já mencionado, a população do Paricatuba distingue dois tipos de prática agrícola: roça de várzea alta ("roçado") e roça de terra firme ("roça de mandioca"). A primeira é alocada na parte alta da várzea, área afetada pela maré apenas esporadicamente e visa à formação de açaizal ao final do ciclo dos cultivares. As áreas na terra firme são escolhidas conforme os parâmetros de drenagem, que é fundamental para o cultivo da mandioca; e fertilidade, que é reconhecida pela cor do solo e sua estrutura; assim como pela presença de formações de vegetações específicas. A alocação da área de cultivo próxima a um igarapé ou rio é importante, levando em conta o transporte da colheita.

A medida da área cultivada é denominada de tarefa (2.500 m²). Normalmente, essas áreas variam entre 2.500 m² e 7.500 m² (1-3 tarefas). Suas dimensões estão relacionadas com parâmetros anteriormente mencionados, assim como com a força de trabalho existente nas unidades domésticas.

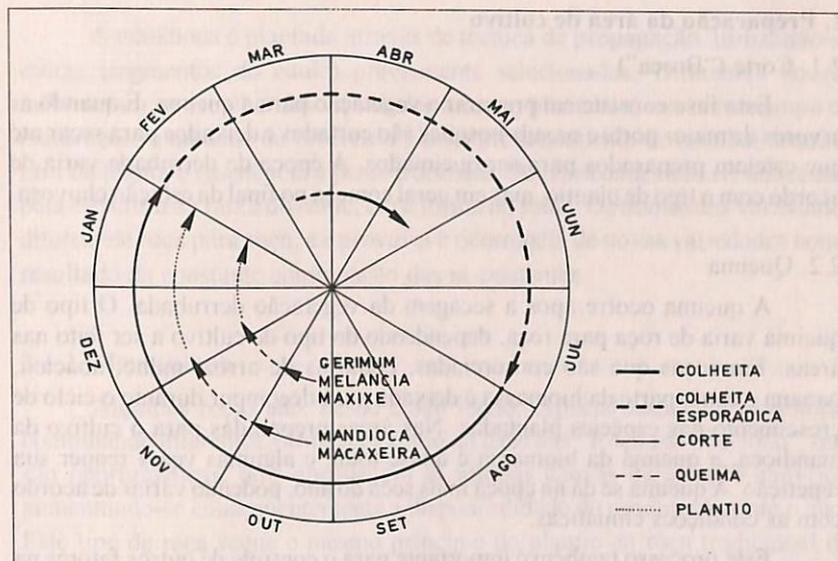


Figura 6 - Calendário das atividades agrícolas relacionadas as roças de terra firme no Igarapé do Paricatuba.

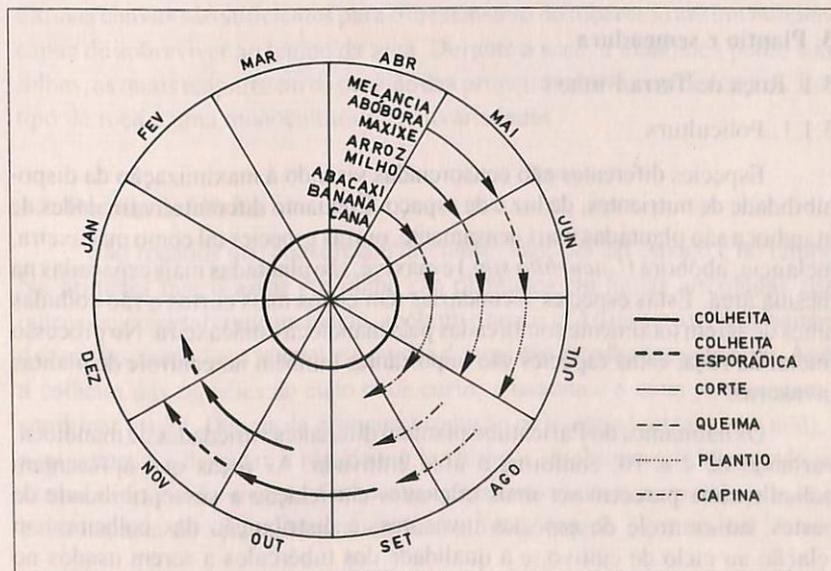


Figura 7 - Calendário das atividades agrícolas relacionadas aos roçados de várzea no Igarapé do Paricatuba.

2. Preparação da área de cultivo

2.1. Corte ("Broca")

Esta fase consiste em preparar a vegetação para a queima. É quando as árvores de maior porte e os sub-bosques são cortados e deixados para secar até que estejam preparados para ser queimados. A época de derrubada varia de acordo com o tipo de plantio, mas em geral começa no final da estação chuvosa.

2.2. Queima

A queima ocorre após a secagem da vegetação derrubada. O tipo de queima varia de roça para roça, dependendo do tipo de cultivo a ser feito nas áreas. Em roças que são consorciadas, como as de arroz, milho, abacaxi, banana e cana, parte da biomassa é deixada para decompor durante o ciclo de crescimento das espécies plantadas. Nas áreas preparadas para o cultivo da mandioca, a queima da biomassa é quase total, e algumas vezes requer sua repetição. A queima se dá na época mais seca do ano, podendo variar de acordo com as condições climáticas.

Este processo também é importante para o controle de outros fatores na área, tais como redução de pestes e de espécies invasoras.

3. Plantio e semeadura

3.1. Roça de Terra Firme

3.1.1. Policultura

Espécies diferentes são consorciadas visando à maximização da disponibilidade de nutrientes, de luz e de espaço. Enquanto diferentes variedades de mandioca são plantadas mais densamente, outras espécies tal como macaxeira, melancia, abóbora (*Cucurbita spp.*) e maxixe, são plantadas mais espaçadas na mesma área. Estas espécies secundárias têm ciclos mais curtos e são colhidas antes de serem totalmente sombreadas pela mandioca e macaxeira. No processo inicial da roça, estas espécies são importantes também no controle de plantas invasoras.

Os habitantes do Paricatuba plantam diferentes variedades de mandioca, variando de 4 a 10, conforme a área cultivada. As roças que apresentam policultivares parecem ser mais eficientes em relação à susceptibilidade de pestes, ao controle de espécies invasoras, à distribuição das colheitas em relação ao ciclo de cultivo, e à qualidade dos tubérculos a serem usados no processamento da farinha.

A mandioca é plantada através de técnica de propagação, utilizando-se ramos (segmentos do caule) previamente selecionadas. Diferentes fatores influenciam na escolha das variedades a serem plantadas, tais como tempo de maturação, qualidade do tubérculo para o processamento de farinha, arquitetura da planta e resistência a peste e doenças. As variedades são reconhecidas pela estrutura da raiz e do caule, cor e forma da folha. Os nomes das variedades diferem de roça para roça, e é provável a ocorrência de novas variedades como resultado da constante combinação das já existentes.

3.1.2. Monocultura

Algumas roças são, desde o seu início, especializadas em mandioca, combinando diferentes variedades como no caso das "Roças de São João", que são oportunistas, pois aproveitam as últimas chuvas da estação chuvosa, aumentando-se conseqüentemente a disponibilidade do produto durante o ano. Este tipo de roça segue o mesmo princípio do plantio da roça tradicional de mandioca, porém recebe esta denominação pois a época do seu plantio coincide com os festejos de São João. Os habitantes do Paricatuba acreditam que estas últimas chuvas são suficientes para o crescimento do tubérculo até um tamanho capaz de sobreviver ao tempo da seca. Durante a seca, a mandioca perde suas folhas, as quais reaparecem na ocasião das primeiras chuvas em dezembro. Este tipo de roça é uma monocultura de polivariiedades.

3.2. Roçado de Várzea

São roçados que consorciavam diferentes espécies no espaço e no tempo. Na primeira fase o arroz e o milho são plantados em linhas alternadas com outras espécies tal como melancia, abóbora e maxixe. Ao mesmo tempo, banana e cana são plantadas e sementes e mudas de açaí são espalhadas pela área. Após a colheita das espécies de ciclo mais curto, a banana e a cana já começam a sombrear a área. Depois da primeira produção de banana (cerca de um ano), o açaí começa a dominar o roçado em tamanho e sombreamento, tornando-se, assim, a espécie dominante. Embora as bananeiras continuem produzindo após a dominância do açaí, a área muda seu status de roçado para açazal.

4. Capina do terreno

4.1. Primeira capina

Apesar da resistência da mandioca para suportar por algum tempo a competição com espécies invasoras, a limpeza da roça é fundamental para garantir o vigor do crescimento da planta, esse processo é feito com terçado e com as mãos. Normalmente essa atividade ocorre no início da manhã e nos dias secos.

4.2. Segunda capina

Esta capina é feita quando a plantação tem de 4 a 5 meses. Após esta limpeza a mandioca sombreia as espécies invasoras, mantendo a área relativamente limpa. Tal limpeza também é importante para preparar a roça para uma colheita mais fácil.

5. Colheita

O tempo de maturação da mandioca varia de 6 meses a um ano, conforme a variedade da planta, as condições do solo e as circunstâncias ambientais. Uma das características mais importantes da mandioca é a sua capacidade de ficar armazenada por um longo período no solo, sem apodrecer. Esta característica permite o manejo do seu estoque, o qual pode ser adequado as necessidades das unidades domésticas. Comparada com outras espécies cultivadas, a mandioca é o recurso alimentar mais seguro para o caboclo do Paricatuba, além de ser sua principal fonte alimentar calórica (Neves 1992). Sua colheita é realizada em pequenas porções, de acordo com a capacidade de produção e armazenamento doméstico de farinha. É feita manualmente, com a ajuda de terçado, e transportada em "paneiros" e "aturás"¹⁴.

6. Replântio

O replântio só ocorre se a área for fértil e houver condições de controle das espécies invasoras através da capina. De outra maneira, a área é deixada para regeneração florestal. Havendo condições propícias, o replântio é feito no

¹⁴ Paneiros e aturás: cestos feitos com fibras de palmeiras.

mesmo dia da colheita ou alguns dias depois e, normalmente, a área passa a ser de monocultura. Geralmente, as roças são utilizadas por dois cultivos subsequentes e então abandonadas. Entretanto, algumas espécies (banana, caju (*Anacardium occidentale*), mamão (*Carica papaya*)), quando presentes, continuam produzindo por longo tempo após a colheita da mandioca e são exploradas enquanto a regeneração florestal da área permite.

PESCA

A atividade pesqueira é constante entre os habitantes do igarapé do Paricatuba. É também uma atividade predominantemente masculina (adulta e subadulta), com pouca participação feminina. Peixe e camarão são bastante consumidos pelas unidades domésticas e esporadicamente são vendidos no mercado urbano local (Ponta de Pedras). Entretanto, durante o mês de maio, quando a pesca do camarão tem seu pico, este produto é comercializado diariamente. Já a maior disponibilidade de peixes se dá nos meses de junho e julho, mas são raramente comercializados.

Como outras populações da região, o método empregado na pesca do camarão é o matapi. Peixes são capturados através de diversas técnicas como curral, cacuri, pari, cerco, malhadeira, vara e linha, espinhel, viveiro, rede de lanças, rede de filhote (ver Murrieta et al. 1989 para uma descrição dessas técnicas).

CAÇA

As caçadas acontecem com maior freqüência nas áreas de terra firme e várzea, podendo, entretanto, ocorrer nos quatro grandes macro-ambientes locais. Esta atividade é realizada pela maioria das unidades domésticas de maneira esporádica o ano todo, mas exclusivamente pelos indivíduos do sexo masculino e para consumo doméstico.

O tatu (*Dasytus* sp.), a paca (*Agouti paca*) e a mucura (*Didelphidae* sp.) são os animais reportados como os mais caçados. Os dois primeiros são mais caçados durante a estação chuvosa, sendo encontrados principalmente na várzea e na terra firme. Já a mucura é caçada durante o ano todo. O caititu (*Tayassu tajacu*) e o veado (*Mazama* sp.) também são citados pelos habitantes locais como caça de inverno, embora a presença destes animais na área seja rara hoje em dia. A cutia (*Dasyprocta agouti*), o camaleão (*Iguana iguana*), o jabuti

(*Geochelone* sp.) e a preguiça (*Choloepus* sp., *Bradypus* sp.) são animais encontrados o ano todo na terra firme, na várzea e nos campos e são relacionados pela população local como animais caçados oportunisticamente.

COLETA

As atividades de coleta ocorrem durante o ano todo, conforme a sazonalidade dos recursos disponíveis e nos quatro macro-ambientes locais. Entretanto, é na várzea e na terra firme onde há a maior frequência de coleta, tendo em vista a presença de espécies mais atrativas, seja pelo seu potencial como matéria-prima, seja pelos seus frutos. Estas atividades são realizadas pelos adultos e subadultos de ambos os sexos.

As palmeiras são as espécies mais utilizadas pela população do Paricatuba. Do buriti (*Mauritia flexuosa*) são citados 16 usos distintos que incluem o aproveitamento da sua estirpe (para construção de pontes e pinguelas), das suas folhas (cobertura de anexos das unidades domésticas), da tala do peciolo (paredes), dos folíolos jovens (corda) e dos frutos (alimentação e ração). Ao todo, esta população utiliza e reconhece 22 espécies de palmeiras (incluindo o açaí).

Depois do açaí, as palmeiras que produzem frutos comestíveis mais apreciadas são o buriti, o tucumã (*Astrocaryum vulgare*), a bacaba (*Denocarpus bacaba*), o inajá (*Maximiliana maripa*), a pupunha (*Bactris gasipae*) e o marajá-açu (*Bactris piranga*). A pupunheira é por vezes encontrada também nos quintais das unidades domésticas, ou seja, na área circunvizinha à casa, onde normalmente há uma grande diversidade de árvores frutíferas e de plantas cultivadas para fins decorativos e medicinais. O coqueiro (*Cocos nucifera*), embora exótico, é comum também nos quintais. O bacuri (*Platonia insignis*) e o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) são as frutas mais apreciadas e frutificam no inverno (meses de janeiro a fevereiro). Apenas uma unidade doméstica comercializa estas frutas através de marreteiros; as demais unidades as coletam apenas para consumo doméstico.

CRIAÇÃO

Na maioria das unidades domésticas há criação de patos e galinhas para consumo doméstico e eventualmente para venda, que, quando ocorre, se dá no próprio local. O cuidado com os mesmos é predominantemente uma atividade dos subadultos de ambos os sexos e das mulheres adultas.

Os animais são criados soltos ao redor das casas com restos de alimentos e frutos, principalmente de palmeiras. Metade das unidades domésticas cria porcos, variando de 1 a 5 o número dos animais. Os porcos são criados para venda e servem como poupança, na medida em que eles podem ser convertidos em dinheiro a qualquer hora no mercado de Ponta de Pedras, já que existe uma demanda constante por proteína animal. Eles são criados soltos com restos de alimentos domésticos, frutos e, eventualmente, com ração. De acordo com as respostas obtidas nos questionários aplicados não há no local incompatibilidade da sua criação com a existência de roças e roçados, ou seja, no Paricatuba não há referências sobre porcos destruindo roças. Entretanto, durante o trabalho de campo, foram observados diversos problemas dessa natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população do Igarapé do Paricatuba representa um dos raros remanescentes de grupos humanos na região que ainda fazem do cultivo de coivara e da mandioca uma das suas atividades principais de subsistência. Associando a produção local de farinha à pesca, à coleta e à extração do açaí, esta comunidade pode ser caracterizada como um dos poucos agrupamentos humanos no estuário do Amazonas que mantém o perfil tradicional da adaptação cabocla: a associação de uma base local de sustentação ao comércio de produtos de demanda regional com os centros urbanos mais próximos (Moran 1974). A manutenção dessa estratégia ancestral no Igarapé do Paricatuba deve estar relacionada aos seguintes fatores: disponibilidade de terras cultiváveis não inundáveis e com cobertura vegetal exuberante mais ou menos próximas às unidades domésticas, predomínio de pequenos proprietários com terras cultiváveis próprias ou de moradores com alto grau de parentesco com esses proprietários, o que garante acesso a terras cultiváveis e existência de uma várzea de pequena extensão que limita a expansão dos açaizais.

AGRADECIMENTOS

A realização da pesquisa entre os ribeirinhos do Paricatuba só foi possível graças ao apoio financeiro do CNPq (Processos 820282/87-1, 150043/90-2 e 403534/90-9), da FAPESP (Processos 90/2631-4 e 90/4667-6) e do Museu Paraense Emílio Goeldi; ao apoio logístico da EMATER, na pessoa de Pedro Paulo Peixoto Ramos, de Vallois e Maria do Socorro Dalcastagnê e da cooperação ilimitada da própria comunidade. A todas essas instituições e pessoas queremos deixar registrados os nossos mais profundos agradecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, A.B.; GELY, A.; STRUDWICK, J.; SOBEL, G.S. & PINTO, M.G.C. 1985. Um sistema agroflorestal na várzea do Estuário Amazônico (Ilha das Onças, Município de Barcarena, Estado do Pará). *Acta Amazon.*, 15: 195-224.
- BALICK, M.J. 1988. Ethnobotany of palms in the neotropics. In: BALICK, M.J. (ed.) *The Palm-Tree of Life: Utilization and Conservation*. New York, New York Botanical Garden.
- BECKERMAN, S. 1983. Does the swidden ape the jungle? *Hum. Ecol.*, 11(1): 1-11.
- BERNARD, H.R. 1988. *Research Methods in Cultural Anthropology*. Newbury Park, Sage Publications.
- HAMES, R. & VICKERS, W. 1983. *Adaptive Responses of Native Amazonians*. New York, Academic Press.
- LASLETT, P. 1972. Introduction: the history of the family. in: LASLETT, P. & WALL, R. (eds.) *Household and family in past time*. Cambridge, Cambridge Univ. Press. p. 1-73.
- MORAN, E.F. 1974. The adaptive system of the Amazonian Caboclo. In: WAGLEY, C. (ed.) *Man in the Amazon*. Gainesville, The University Presses of Florida. p. 136-159.
- MORAN, E.F. 1990. *A Ecologia Humana das Populações da Amazônia*. Petrópolis, Vozes.
- MURRIETA, R.S.; BRONDIZIO, E.S.; SIQUEIRA, A.D. & MORAN, E.F. 1989. Estratégias de subsistência de uma população ribeirinha da Ilha de Marajó, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, Ser. Antropol.*, 5(2): 147-163.
- MURRIETA, R.S.; BRONDIZIO, E.S.; SIQUEIRA, A.D. & MORAN, E.F. 1992. Estratégias de subsistência da comunidade de Praia Grande. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, Ser. Antropol.*, 8(2): 185-201.
- NEVES, W.A. 1989. Teorias de determinismo ecológico na Amazônia: Um caso de marginalidade da comunidade científica nacional. In: NEVES, W.A. 1989 (ed.) *Biologia e Ecologia Humana na Amazônia: Avaliação e Perspectivas*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi.
- NEVES, W.A. 1992. *Antropologia ecológica de populações ribeirinhas do estuário do Amazonas: Subsistência e adaptação*. Relatório Científico apresentado ao CNPq.
- NEWELL, C. 1988. *Methods and Models in Demography*. New York, Guilford Press.
- PARKER, E. 1985a. The Amazon caboclo: An introduction and overview. In: PARKER, E. (ed.) *The Amazon Caboclo: Historical and Contemporary Perspectives*. Williamsburg, Studies in Third World Societies, xvii - li.
- PARKER, E. 1985b. Cabocloization: The transformation of amerindian in Amazonian 1615-1800. In: PARKER, E. (ed.) *The Amazon Caboclo: Historical and Contemporary Perspectives*. Williamsburg, Studies in Third World Societies, 1-49.
- PIRES, J. M. 1973. Tipos de Vegetação da Amazônia. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emilio Goeldi* (20): 179-202.
- PROJETO RADAM BRASIL. 1974. *Levantamento de Recursos Naturais*. v. 5. Rio de Janeiro.
- SPONSEL, L. 1986. Amazon Ecology and Adaptation. *Ann. Rev. Anthropol.*, 15: 67-97.